



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

COWBOYS E CANGACEIROS: OS POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE GLAUBER ROCHA E LIMA BARRETO NO CINEMA DE CANGAÇO

Anderson R. Neves*

O presente trabalho procura sistematizar uma série de reflexões sobre filmes afinados à temática do cangaço, com especial ênfase às obras de Lima Barreto e Glauber Rocha. Ambos os autores recorrem a este módulo fílmico, movidos por pretensões artísticas, estéticas e políticas. Nosso olhar deve se voltar, então, para as projeções estéticas próprias da ambientação e representação cinematográficas, através das quais se torna possível vislumbrar mecanismos de resistência muito bem articulados, no que se refere às práticas políticas e cotidianas comuns às décadas de 1950 e 1960.

O cinema possibilita e incentiva a manifestação de testemunhos singulares e datados, que muitas vezes conseguem se desvencilhar do crivo da censura e representar tensões e conflitos, identificados sob o aparato artístico-estético ao qual recorrem os autores. Voltando-nos, portanto, para as representações fílmicas ancoradas no movimento do cangaço, pretende-se questionar as propriedades do movimento e sua importância para a formação de uma “identidade” nordestina e brasileira, eixo que interliga as produções de Barreto e Rocha.

* Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Nossa investigação retoma especificadamente as seguintes obras cinematográficas: *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, e os filmes *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), dirigidos por Glauber Rocha. Ambos os autores, nos domínios da arte fílmica, viabilizam discussões que buscam representar o Brasil, seja via estética da fome, como o fez Glauber Rocha, seja através de aventuras estilo *western*, caso de Lima Barreto.

Quando cotejamos filmes produzidos sob circunstâncias diversas, o fazemos movidos pela ideia de que eles representam aspectos do cotidiano, selecionados propositadamente por alguém e direcionados a um público telespectador. Com efeito, é preciso não perder de vista os interesses econômicos, sociais e/ou políticos vinculados à produção cinematográfica. Nesta direção, o aparato técnico mobilizado permite a representação de circunstâncias históricas, e não a reconstrução sistemática das mesmas. O filme, portanto, é fruto de interesses específicos e, por esta razão, devem ser questionados à luz da historicidade que lhe é própria.

Ao retomar e questionar o cinema de cangaço e sua repercussão nas décadas de 1950 e 1960 através das produções de Lima Barreto e Glauber Rocha, o nosso propósito é repensar os seus possíveis papéis enquanto “filmes históricos”. Sobre esta modalidade fílmica, adverte-nos Alcides Freire:

Suas percepções tentam adequar-se à vastidão e ambigüidade dessa manifestação artística. Neste sentido, o filme histórico é aquele que, olhando para o “passado”, procura interferir nas lutas políticas do “presente”.¹

Tendo em vista esta assertiva, não se pode deixar de levar em consideração os fatores geográficos, políticos e sociais que constituem o repertório de Rocha e Barreto. Repertório que nos possibilita questionar as motivações de ambos os autores no que se refere à produção, à exibição, às escolhas na adoção dos recursos estéticos, à circulação. Motivações estas que não se deslocam/descolam de circunstâncias datadas e específicas que integram suas preocupações.

¹ RAMOS, Alcides Freire. *O Canibalismo dos Fracos: cinema e história do Brasil*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 32.

A partir do movimento que nos propomos fazer, entendemos a importância das obras aqui trabalhadas para problematização da forma com o que o tema cangaço é projetado no cinema brasileiro, mas, principalmente o que traz o contexto e os mecanismos usados na produção dessas obras.

Trabalhamos com dois diretores que *a priori* estão com suas obras isoladas, sendo que, Lima Barreto está inserido na Vera Cruz que tem suas produções e interesses vinculados burguesa industrial paulista, e Glauber Rocha, está vinculado ao movimento do Cinema Novo, e preocupa-se com os questionamentos sociais e políticos, no cinema autoral, que assim como Barreto utiliza o tema Cangaço, porém de uma maneira mais questionadora e, por conseguinte constrói obras que para além de mera exibição carregam um caráter de conscientização do espectador.

Em *O Cangaceiro* percebemos a aproximação com o cinema de *faroste* onde a violência é justificável, nesse caso a mesma pouco é problematizada, porém, a figura da professora, assim como a do professor em *Dragão da maldade*, nos apresenta a possibilidade de mudanças, que em nossa leitura em ambos os casos caminha em direção ao progresso.

O fato de Barreto e Rocha trazerem a figura de professores dentro de suas histórias, embora o façam de maneira diferente, não é mero acaso a figura do mesmo, o ilustrado, aparece como a possibilidade de libertação, no caso de Barreto de sair da violência primitiva e no de Rocha do mesmo como o revolucionário latino americano, como o próprio diretor aponta nos extras do *Dragão da Maldade*, o professor foi inspirado na figura de José Martí². Se faz necessária, também, a aproximação de Galdino e Corisco que carregam consigo a “responsabilidade” de governar o sertão, sendo eles a autoridade máxima, o primeiro, morre motivado por sua vingança pela traição de Teodoro, já o segunda morre motivado pela vingança das “injustiça” e dos matadores de Virgulino.³

² Em 1895 o poeta e revolucionário José Martí desembarcou em cuba disposto a lutar pela independência dos cubanos, sendo morto após um mês de batalhas. Sua atitude e coragem lhe renderam respeito e seus feitos são lembrados e expostos em curso de formações até os dias de hoje.

³ Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião nasceu em Pernambuco no ano de 1898 3 morreu em Sergipe em 1938, passando metade dos seus quarenta anos no comando do cangaço. Após a morte do mesmo o sertão passou a ser “governado” por Corisco, que inspira a personagem de Glauber Rocha em *Deus e o diabo na terra do sol*.

Embora a tendência seja de distanciamento das obras dos diretores que aqui trabalhamos, é possível perceber convergências, principalmente no que tange a estética dos filmes e que as produções analisam, igualmente, certos procedimentos que denotam ambivalência, como a visão ora saudosista, ora crítica em relação ao lugar conferido ao sertanejo. Bem como o papel da violência, no caso de Rocha, principalmente através da personagem de Antônio das Mortes que em *Deus e o diabo na terra do Sol*, vale-se dela e não questiona suas ações. Já em *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* ele se converte e se adere a outros propósitos, o que o leva a conferir primazia às idéias, personificadas na figura do professor de história, e não mais na violência, que torna estas produções similares ao *western*, a ponto de criar neologismos como *nordestern*. Vincula-se, então, projeto político e recursos estéticos, ou seja, o filme, além de agradar o telespectador, tende a conscientizá-lo, em meio à ditadura militar.

É de fundamental importância salientar que, os filmes de Rocha não partiram de um espaço vazio, os mesmos, no caso que utilizam o cangaço para construir o filme, são inseridos num espaço conferido pelo sucesso da obra de Lima Barreto, vale lembrar que até então boa parte do mundo sequer sabia que no Brasil se fazia cinema.

Paula Siega faz uma análise da recepção entre o cinema de Barreto e de Rocha:

Nos anos 50, *O Cangaceiro* tinha sido aplaudido pelo público internacional, abrindo as portas do mercado exterior para o cinema brasileiro. A partir da penetração do Cinema Novo e do intenso debate teórico atuado pelos cineastas, todavia, o filme passa a ser percebido como representação superficial e estereotipada da realidade nordestina e do Brasil. Assim, o modo em que as obras como *Deus e o diabo na terra do sol* superam as expectativas do público europeu, substituindo a imagem exótica do nordeste pela idéia do cangaço como fenômeno revolucionário em campo estético e político – leitura essa que se consolidaria no fim dos anos 60 -, fornece um critério objetivo para determinar o seu valor artístico: a sua eficiência estética evidencia-se pelo fato de que, evocando o horizonte de expectativas instaurado por *O Cangaceiro* (1953), não se limite a preenche-lo, mas o descomponha criticamente, abrindo um novo horizonte e colaborando para a formação de novos cânones.⁴

⁴ SIEGA, Paula. SIEGA, Paula. A estética da Fome: Glauber Rocha e a abertura de novos horizontes. In. *CONFLUENZE*, vol. 1, 2009, Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna, p. 164.

Entendemos que se apreciarmos *O Cangaceiro* procurando nele os aspectos de construção filma comuns aos filmes de Glauber Rocha, ficaremos presos, então, ao exotismo e ao tom de folclore que o mesmo carrega, porém reduziremos a obra a isso seria uma falácia, haja vista que o mesmo é fruto de um projeto, que tem todo um contexto e propósitos de produção, vinculados à lógica de mercado, fruto de seu tempo e que é muito importante para a cinematografia brasileira.

Tanto *Deus e o diabo na terra do sol*, quanto *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* utilizam os elementos do cangaço para problematizar questões relacionadas à forma de organização e relações que encontramos no terceiro mundo, o uso do tema em *O cangaceiro*, além de tentar uma aproximação do homem do campo representando o que seria chamado genuinamente brasileiro, utiliza esses mecanismo com tons de comedia numa narrativa próxima à busca do herói nacional, como apontamos no primeiro capítulo.

Os filmes de Rocha, sem se deslocar de sua proposta central, acaba tocando em questões que metaforizam e representa certos aspectos da sociedade brasileira. Dentre os exemplos, é possível citar o lugar do messianismo e do fervor religioso, da relação entre patrão/empregado como algo hierarquicamente rígido (como percebemos no Caso do Vaqueiro em *Deus e o diabo* e do político amante da esposa do coronel em *O Dragão da maldade*), a necessidade de acompanhar os avanços técnicos imbuídos na marcha do progresso, entre outros fatores ora contraditórios, ora condizentes entre si. Ao que tudo indica, existe certo olhar melancólico por parte de Glauber Rocha, mas também uma preocupação em se orientar segundo a inevitável onda progressista. Neste sentido, é sugestivo o fato de os filmes estarem sendo projetados nos anos 60, momento marcante na história brasileira. Ora, isto demonstra que o progresso, a modernidade e outros fatores ligados à dimensão desenvolvimentista não era o único horizonte a ser vislumbrado pela população do período, o que não é o caso dos anos 50 onde Barreto roda *O Cangaceiro*.

Para além disso, existia também uma adoração pela Pátria e pelo que há de mais singular em suas “raízes”, o que indica, talvez, certa apreensão diante à marcha pelo progresso. Não seria este um bom caminho: alegar que a temática do cangaço e sua retomada não apenas elenca heróis propriamente “nacionais”, como cogita a

possibilidade de abandono de certos procedimentos e valores “tradicionais” para se poderem incorporar outros de raízes burguesas.

Sendo assim, embora os diretores apresentam propostas distintas, percebemos a importância de cada um para a cinematografia brasileira, sendo que, embora a discussão de Glauber seja num viés político e questionador, as “alegorias” de Lima Barreto abrem os olhos do mundo para o cinema brasileiro e conseqüentemente para que as obras que posteriormente Rocha exibiria.

O Cangaco é tema recorrente no cinema Brasileiro, os motivos são os mais diversos, ora pelo próprio movimento de banditismo, pela possibilidade aventureira que pode ser empregada e ele, mas nos casos das obras aqui analisadas percebemos preocupações e relações com questões principalmente ligadas ao momento de produção dos filmes, afinal as obras são frutos de seu tempo.

Lançamos olhares para a relação entre a História e o Cinema no afã de compreender os meandros da narrativa histórica acerca do cinema brasileiro, bem como a hierarquização que coloca no cume dessa história as obras produzidas no seio do Cinema Novo. Nossas análises partem dos possíveis diálogos entre os filmes de Lima Barreto e de Glauber Rocha a fim de desnaturalizar uma hierarquia que verticaliza a história do cinema brasileiro. O desenvolvimento de nossa análise parte das convergências de gênero e da estética adotada pelos diretores, ainda que o primeiro deixe clara a escolha do western e o segundo afirme a construção de uma estética brasileira, *a estética da fome*. Desta feita, questionamos a referida hierarquização da história do cinema brasileiro lançado luz sobre obras relegadas à segundo ou simplesmente desprezadas.

Se o cinema de Rocha é entendido como referência do que é ou devia ser o cinema brasileiro, de fato, não é por acaso, percebemos projetos que paulatinamente conferiam as cinemanovistas o ápice da hierarquia cinematográfica que fora criada por esses próprios críticos e intelectuais, posto isso percebemos que o lugar conferido ao cinema novo foi construído e não dado naturalmente. Não foi natural a noção de que a *estética da fome* cria novos parâmetros de confecção artística, bem como a sobreposição existente das obras de Glauber com relação a de outros cineastas, como em nosso caso Lima Barreto.

Se buscarmos uma comparação cênica entre *Deus e o Diabo* e *O Cangaceiro*, veremos que no que tange a questão estética ambos partem de referências muito anteriores à

Vera Cruz ou Cinema Novo, de imediato percebemos um diálogo – em ambos os casos – com as matrizes estéticas de um gênero que a origem se confunde com o próprio surgimento do cinema, o *western* ou *bague-bague*.

Assim, procuramos fazer o movimento contrário dos autores que compactuam com a verticalização da história do cinema brasileiro, elegendo o Cinema Novo como o referencial de qualidade e inovação estético-ideológica e relegados a segundo plano ou a lugar algum as demais obras e movimentos cinematográficos.

Posto isso, entendemos que colocar um gênero ou movimento em detrimento do outro seria um equívoco, pois cada qual apresenta suas especificidades e contribuem à sua maneira para nossa leitura histórica, e ainda vale lembrar as aproximações formais entre os referidos filmes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Filmes:

O Cangaceiro (1953, São Paulo) Direção: Lima Barreto, História e adaptação: Lima Barreto. Diálogos: Rachel de Queiroz, sobre os originais de Lima Barreto. Fotografia: Chick Fowle. Edição: Hafenrichter. Cenografia: Caribe. Música: Gabriel Migliori. Produção: Vera Cruz. Elenco: Alberto Ruschel, Marisa Prado, Milton Ribeiro, Vanja Orico.

Deus e o Diabo na terra do Sol (1964, Rio de Janeiro) Direção: Glauber Rocha. Roteiro: Glauber Rocha, Walter Lima Jr., Paulo Gil Soares. Argumento: Glauber Rocha. Fotografia: Waldemar Lima. Montagem: Rafael Justo Valverde. Música: Heitor Villa-Lobos, Glauber Rocha, Sergio Ricardo. Produtor: Luis Augusto Mendes, Jarbas Barbosa Glauber Rocha. Produtora: Copacabana Filmes. Elenco: Geraldo Del Rey, Yoná Magalhães, Mauricio do Valle, Othon Bastos.

O dragão da maldade contra o santo guerreiro (1969, Rio de Janeiro) Direção, roteiro, argumento e cenografia: Glauber Rocha. Fotografia: Affonso Beato. Câmera: Ricardo Stein. Montagem: Eduardo Scorel. Música: Marlos Nobre, Walter Queiróz, Sergio Ricardo, tempos populares do nordeste. Elenco: Mauricio do Valle, Hugo Carvana, Odete Lara, Othon Bastos, Jofre Soares, Lorival Pariz, Mario Gusmão, Conceição Senna, Vinnicius Salvatori, habitantes de Milagres e Amargosa.

BIBLIOGRAFIA:

BERNADET, Jean-Claude. *Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides Freire, *Cinema e história do Brasil*, 2.ed. São Paulo, Editora Contexto, 1992.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

GALVÃO, Maria Rita e BERNARDET, Jean Claude. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira – Cinema*. São Paulo: Brasilense, 1983.

RAMOS, Alcides Freire, *Canibalismo dos Fracos*. Bauru: EDUSC, 2002.

RAMOS, Fernão. *História do Cinema Brasileiro*. 2ed. São Paulo: Art. Editora, 1990.

RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

ROSENSTONE, Robert. A. *A História nos filmes, Os filmes na história*. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SIEGA, Paula. SIEGA, Paula. *A estética da Fome: Glauber Rocha e a abertura de novos horizontes*. In. CONFLUENZE Vol. 1, 2009, Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna.

SIEGA, Paula. *Ressonâncias Sertanejas em Alberto Moravia e Gianni Amico: Leituras do Centro sobre a periferia*. In. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, 2008.

VESENTINI, Carlos. A. *A Teia do Fato*. São Paulo: Hucitec, 1997.